

Compilação Linguística

Ivan Vale de Sousa

(Organizador)





COMPILAÇÃO LINGUÍSTICA

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Editora Chefe
Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes
Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez
Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Bogotá-Colombia

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

2016 by Ivan Vale de Sousa

© Direitos de Publicação
ATENA EDITORA
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430
Cep: 81.650-010 - Curitiba, PR
[contato@atenaeditora.com.br](mailto: contato@atenaeditora.com.br)
www.atenaeditora.com.br

Revisão
Os autores

Edição de Arte
Geraldo Alves

Ilustração de Capa
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C737

Compilação linguística [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Curitiba (PR): Atena, 2016.
217 p.

ISBN: 978-85-93243-08-0
DOI: 10.22533/93243-08-0
Inclui bibliografia.

1. Filologia. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Título.

CDD-410

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-09-7



A standard 1D barcode representing the ISBN 978-85-93243-09-7. The barcode is composed of vertical black lines of varying widths on a white background.

9 788593 243097

APRESENTAÇÃO

As reflexões apresentadas nos trabalhos que compõem este livro são frutos de estudos, pesquisas, proposições e análises nas quais os autores transitam entre o campo das propostas educacionais aos apontamentos referentes à linguística aplicada, expondo aos leitores os atalhos percorridos no acesso dos aspectos estruturais e de sentido da língua, de construção do discurso oral e escrito, bem como de ações metodológicas de enriquecimento das ferramentas pedagógicas de sala de aula, capazes de corroborarem com a ampliação dos propósitos sociocomunicativos destinados à compreensão da fala e dos diferentes contextos nos quais a linguagem se insere.

Os textos organizados se categorizam sob a égide da dinamicidade e variedade que o ensino de nosso idioma possibilita acessar. O acesso às reflexões traz características singulares na forma de coordenação dos autores que se debruçam na compreensão do fazer pedagógico e da essência de pesquisador em que os sujeitos inteventores interajam com os interlocutores mediante a efetivação dos conhecimentos elucidados no processo de entendimento dos aspectos alusivos ao processo comunicativo e constituinte língua como objeto social de interação.

As investigações narradas em todos os trabalhos nos lançam para o interior de um mosaico repleto de questionamentos, mas, ao mesmo tempo, de respostas que nos direcionam no caminho de notáveis compreensões vislumbradas no terreno fértil da educação como mecanismo dinâmico e inovador, compartilhando os ideais enaltecidos pelos pesquisadores, que por meio de uma proposta acessível dos indicadores comunicativos, trazem para a apreciação a autonomia representada nas intervenções contextuais perpassadas na ação educacional, social e linguística.

Este livro tem o propósito de alastrar pesquisas voltadas, de modo geral, para os estudos inseridos no âmbito da linguagem, propor e ampliar as reflexões teórico-práticas dos temas abordados nos textos que tornam estimulante e acalorado o debate em benefício do fazer metodológico, visto que as boas ideias precisam ser divulgadas para que outros estudiosos tenham acesso aos conhecimentos produzidos nos contextos formais e não formais, pois, ao mesmo tempo, em que se lançam aos debates das questões provenientes da área educacional, cria-se, também, a possibilidade de abertura de novos espaços em que as proposições referentes ao ensino nas modalidades linguístico-funcionais se propaguem noutras formas de compreensão sociocomunicativa.

É, nessa perspectiva, que o presente livro se organiza mediante a compilação de textos e ideias produzidos por diferentes pesquisadores inseridos nas instituições de ensino diversas, ora discutindo conceito-chaves temáticos, ora discorrendo propostas de ensino em torno da linguagem. Mais que um passeio pelas reflexões destacadas pelos autores, o livro é um convite ao debate e à reflexão dos temas destacados, de modo a incentivar que outras

pesquisas se efetivem no ensino, cujo foco é o encontro dos questionamentos impulsionados na busca por respostas originárias de realidades distintas.

Os autores reunidos produzem um processo de entrelaçamento percorrido concomitante à compreensão das ações de ensinar e aprender a língua, sobretudo, Língua Portuguesa. Nesse sentido, os pressupostos organizados transitam entre a orientação transdisciplinar do campo aplicado ao ensino de Língua Materna às ponderações autorais que se coadunam na realização do pressuposto epistemológico, ou seja, estudam, descrevem, pesquisam e divulgam por meio de seminários e congressos as problemáticas adotadas como objetos de investigação.

Os textos apresentados se fundamentam no compromisso profissional dos autores e cumprem função decisiva na apropriação do uso diferenciado da linguagem, a partir de distintas tendências e abordagens, que se exibem como fio norteador na realização de propostas e análises, já que os resultados estabelecidos são subsídios para o aperfeiçoamento metodológico dialogal com o objeto principal que é o uso flexível da língua e suas variantes.

Que a leitura dos textos apresentados atinja a finalidade e divulgue a essência crítico-reflexiva dos pesquisadores e, além disso, contribua com o ensino de Língua Materna. De tal modo, há um agradecimento especial aos autores que aceitaram o desafio de organização deste livro a partir da diversidade reflexiva das pesquisas que caracterizam a realização deste trabalho para que outros interlocutores tenham acesso aos itinerários metodológicos percorridos, há, ainda, a oferta de ferramentas teóricas e sugestões práticas que direcionam a compreender o gerenciamento reflexivo enfatizado nos propósitos textuais contemplados em cada capítulo.

Assim, em síntese, este livro traz a importância necessária de divulgação das pesquisas que se realizam no campo educacional e linguístico-funcional, visto que os textos refletem os posicionamentos assumidos por seus agentes produtores que se colocaram, gentilmente, em tornar conhecível as intervenções no ensino e compreensão da Língua Portuguesa. E que as ponderações destacadas em cada trabalho sejam capazes de fomentar, fortalecer e ampliar os usos de aquisição dos aspectos referentes à Língua Materna e suas variantes! Com estima e respeito.

Prof. Ms. Ivan Vale de Sousa
Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I

ANÁLISE DE ENUNCIADOS DOCENTES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO	
Márcio Evaristo Beltrão e Solange Maria de Barros.....	08

Capítulo II

DISCURSO, CULTURA E PODER: INTERFACES ESTABELECIDAS NA PRODUÇÃO DOS LADRÕES DE MARABAIXO	
Helen Costa Coelho, Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues, Fábio Xavier da Silva Araújo e Daniel de Nazaré de Souza Madureira.....	20

Capítulo III

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PELO ADULTO OUVINTE	
Luiz Antonio Zancanaro Junior.....	37

Capítulo IV

CAPACITAÇÃO DE INSTRUTORES SURDOS: DESDOBRAMENTOS DE UMA PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA	
Rosalva Dias da Silva.....	53

Capítulo V

ECOS DISCURSIVOS: O IMAGINÁRIO SOCIAL DE UM ÍNDIO INCAPAZ	
Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo e Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi.....	71

Capítulo VI

ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS EM PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL	
Viviane Mara Vieira Cardoso e Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal.....	85

Capítulo VII

AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA DOS ALUNOS MOTIVADAS POR OPERAÇÕES FONOLÓGICAS	
Margarida Maria Silva Miranda, Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros, Maria Meyre Gomes Nunes e Ailma do Nascimento Silva.....	100

Capítulo VIII

A RETEXTUALIZAÇÃO COMO METODOLOGIA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS	
Hilda Mendes da Silva Freitas e Isabel Maria Soares da Costa Carvalho.....	118

<u>Capítulo IX</u>	
OPERAÇÕES DE PRESSUPOSIÇÃO E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ENUNCIAÇÃO ESCRITA POR APRENDIZES	
Suelen Érica Costa da Silva.....	132
<u>Capítulo X</u>	
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO RESGATE DE VALORES ÉTICOS NO ENSINO BÁSICO	
Ivan Vale de Sousa.....	145
<u>Capítulo XI</u>	
PERDA DO TRAÇO DE PESSOA EM PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA NAS LÍNGUAS ARRERNTÉ E FINLANDÊS	
Quesler Fagundes Camargos.....	164
<u>Capítulo XII</u>	
A IMPORTÂNCIA DO LEITOR NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO DO CONTO “PRIMEIRA DOR”, DE FRANZ KAFKA, SEGUNDO A TEORIA DISCURSIVA BAKHTINIANA	
Pamella Soares Rosa.....	182
<u>Capítulo XIII</u>	
PRÁTICAS DE ESCRITA E DE LEITURA EM MATEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA O LETRAMENTO MATEMÁTICO	
Cíntia Maria Cardoso, José de Ribamar Oliveira Costa e Liliane Afonso de Oliveira.....	194
Sobre o organizador.....	210
Sobre os autores.....	211

Capítulo III

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PELO ADULTO OUVINTE

Luiz Antonio Zancanaro Junior

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PELO ADULTO OUVINTE

Luiz Antonio Zancanaro Junior

Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior – IFES – Itajaí – Santa Catarina

RESUMO: Faz-se necessário produções acadêmicas no campo da linguística aplicada ao ensino da Libras, especialmente a ouvintes. Este trabalho apresenta uma análise das produções de alunos aprendizes da Libras como segunda língua com foco na fonologia. Os processos da Língua de sinais, são alterações de fonemas na execução do parâmetro fonológico da Libras durante a sinalização de adultos ouvintes adquirindo a Libras, analisando os seguintes processos fonológicos segmentais: substituição, epêntese, apagamento, assimilação e metátese. Os dados usados como base deste estudo, referem-se a 12 itens lexicais produzidos por 12 acadêmicos ouvintes dos cursos de Letras - Libras licenciatura e bacharelado da UFSC e que atuam como tradutores/intérpretes de Libras em escolas públicas. Os itens lexicais foram apresentados a eles através de vídeo e suas produções também foram filmadas para a análise. Notou-se dificuldade em perceber visualmente os parâmetros fonológicos apresentados na Libras, resultando assim em alteração do fonema durante a produção do sinal nos processos fonológicos. Os dados encontrados nesta pesquisa evidenciam a dificuldade encontrada pelos adultos aprendizes de Libras como segunda língua na produção dos sinais com foco nas configurações de mãos mais complexa.

PALAVRAS-CHAVE: Língua brasileira de sinais; Processo fonológico; Segunda Língua.

1. INTRODUÇÃO

A Língua de sinais da comunidade surda brasileira é a Língua de sinais Brasileira, abreviatura denomina Libras, é uma língua visual espacial. Para a comunidade surda foi uma conquista, no mês de abril de 2002, a Presidência da República aprovou a Lei Federal 10.436, decretada pelo Congresso Nacional, em todo o território nacional disponibiliza e instaura o estatuto linguístico que expressa Libras um idioma. Essa lei reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão das comunidades de pessoas surdas do Brasil, o poder público luta para o apoio e difusão do uso da Libras como meio de comunicação objetiva. A lei instaura as instituições públicas servirem atendimentos para as pessoas surdas com o uso de Libras e que os sistemas educacionais federal, estaduais e municipais inserem o ensino da Libras como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, nos Ensinos Médio e Superior.

Para que as pessoas ouvintes no Brasil aprendam a Libras é desejável o contato com a cultura surda na vida cotidiana. Dessa maneira, a pessoa ouvinte percebe a importância de entender essa língua como meio de comunicação na vida de um surdo, uma vez que ela rompe barreiras de comunicação. Diversas instituições sociais oferecem cursos de Libras, em vista de muitos ouvintes já demonstrarem interesse em participar desse meio, sendo também necessário imaginar esta segunda língua como uma modalidade distinta, em vista dela se caracterizar pelo uso da visão e do espaço, principalmente pelo uso das mãos.

A Língua de sinais classifica-se como de modalidade visual-gestual, porque constitui um meio de comunicação produzido pelas mãos, ou seja, as informações linguísticas são percebidas pela visão. Eis a diferença da Língua Portuguesa, que representa uma língua de modalidade oral-auditiva, por utilizar, os sons articulados como percebidos pela audição.

Diferente do que ocorre entre línguas orais, onde os ouvintes aprendem uma segunda língua de mesma modalidade (oral-auditiva), os ouvintes que aprendem uma língua de sinais como segunda língua podem encontrar, além das dificuldades naturais da língua, outras impostas pela modalidade (visual-espacial). Nestes casos, pode-se dizer que eles aprendem não somente uma segunda língua, mas também uma segunda modalidade (doravante M2). Pichler (2009), em sua pesquisa, apresenta diversos autores: McIntire e Reilly (1988), Rathmann e Meier (2001), Taub et al. (2008), Thompson (2006), Emmorey et al. (2008), Kantor (1978), Brotação et al. (1995) e Goeke (2005) que se dedicaram a pesquisar esse tema, incluindo alguns trabalhos recentes.

Percebe-se que as produções em Libras das pessoas ouvintes como M2 possuem fonemas trocados em função da dificuldade motora das mãos são apresentadas nos parâmetros fonológicos, o que implica na alteração dos sinais. Possivelmente, isso se deve ao fato das pessoas começarem a aprender Libras como uma segunda modalidade. Essa dificuldade pode ser entendida como um fator equivalente ao que acontece também com os usuários no aprendizado de línguas orais como L2, mas como modalidade M1.

Algumas destas distorções de sinais parecem ter relação com a dificuldade de percepção visual apresentada por alguns adultos ouvintes, tendo em vista a modalidade distinta da Libras. Desta forma, algumas alterações sutis nas mãos deixariam de ser observadas.

Este trabalho tem por objetivo identificar o uso dos sinais distorcidos produzidas pelos adultos ouvintes ao aprenderam a Libras como segunda modalidade (M2) e, dessa maneira, analisar os tipos de processos fonológicos ocorridos como os fonemas trocados, que podem ser substituição, apagamento, assimilação, metátese ou epêntese.

Este artigo traz definições sobre fonologia e como este conceito se relaciona com as línguas de sinais, como já apontados por Quadros & Karnopp (2004) e Brito (1995), esclarece o que é fonologia na Língua de sinais, esclarecimento este que se faz necessário tendo em vista que a maioria dos estudos

trata de fonologia na língua oral que é representado pelo som, que neste caso é substituído pelo corpo dos usuários da língua de sinais por meio de articulações nas mãos e na face, visto que as línguas orais e as línguas de sinais diferem em termos de modalidade. Na subseção de análise dos dados, serão descritos os modos como usuários ouvintes da Libras apresentam os sinais distorcidos em algumas unidades mínimas fonológicas. Abaixo, segue uma breve apresentação sobre o surgimento da fonologia das línguas de sinais.

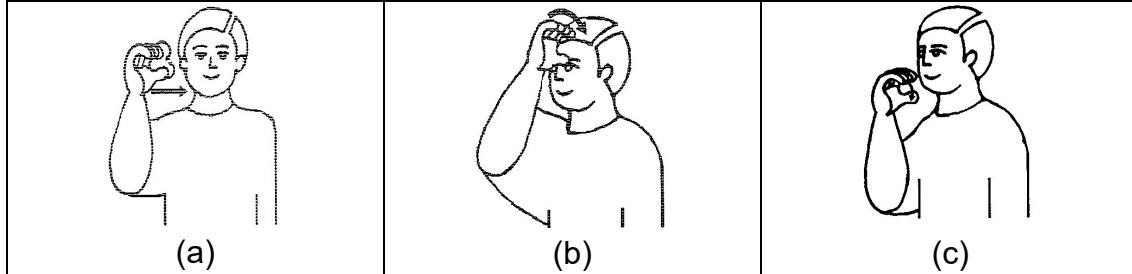
2. FONOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS

A concepção de fonologia nas línguas de sinais se torna relevante devido ao trabalho pioneiro do linguista americano William Stokoe (1960). Ao defender o status das línguas de sinais como línguas naturais, demonstra a existência de princípios estruturais equivalentes aos das línguas orais. Antes disso, as línguas de sinais eram vistas como unicamente gestuais ou pantomimas, impossíveis de expressar conceitos mais abstratos.

Influenciado pelo estruturalismo norte-americano, Stokoe define três aspectos internos aos sinais, consistindo nas unidades formacionais dos sinais na língua (configuração de mão, locação e movimento), ou seja, eles não carregam significados isoladamente e em conjunto, formam cheremas (queremas). Ao mesmo tempo, Stokoe propôs o termo *Cherology* (Quirologia), como equivalente ao termo “fonologia” aplicada na linguística de línguas orais (QUADROS & KARNOOPP, 2004; BRITO, 1995). Para os alguns pesquisadores, incluindo Stokoe após 1978, passou-se a utilizar os termos ‘fonema’ e ‘fonologia’, a fim de manter as línguas orais e as línguas de sinais em nível semelhante, dessa maneira, estabelecendo uma analogia aos fonemas que possam constituir unidades maiores, como os morfemas em línguas orais. Esta argumentação foi baseada na percepção das três unidades que formariam também morfemas na língua de sinais (HULST, 1993). O presente artigo utilizará o termo “fonologia” a exemplo do que já foi adotado por diversos linguistas das línguas de sinais.

As características de configuração de mão, localização e movimento podem recombinar-se para formar pares mínimos de sinais. Por exemplo, os sinais de “OUVINTE”, “APRENDER” e “LARANJA” em Libras são minimamente distinguidos por características de localização. A Figura 1 apresenta que três sinais são diferentes, sendo que as configurações da mão desses sinais são as mesmas, o movimento é semelhante, mas a locação muda, sendo que o primeiro sinal se localiza na orelha, significa ouvir, o segundo se localiza próximo da testa e significa aprender e o último localiza-se na frente e próximo à boca, significa laranja.

Figura 1 - Pares mínimos em Libras, que se distinguem por características de localização

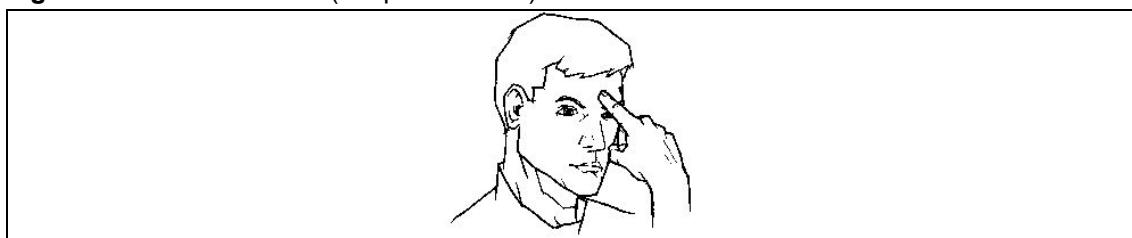


Fonte: (a) Capovilla e Raphael (2001a, p. 988); (b) Capovilla e Raphael (2001a, p. 215); (c) Capovilla e Raphael (2001b, p. 799).

As pesquisas de Stokoe (1960); Stokoe, Casterline e Cronenberg, (1965); Supalla e Newport (1978); e Klima e Bellugi (1979), foram os primeiros estudos sobre o nível fonológico da Língua de Sinais Americana (ASL), organizando principalmente, uma base teórica estruturalista. Esses autores propuseram registros e discussões acerca da validade dos parâmetros, ressaltando os diversos elementos das línguas de sinais como sendo constituídos de fonemas produzidos simultaneamente. Além disso, aceitaram a existência de sequencialidade na Língua de Sinais (como ressaltou Stokoe para o caso do parâmetro de movimento), enfatizando o aspecto contínuo dos elementos e a superposição dos mesmos na constituição dos sinais (BRITO, 1995).

Conforme descreve Brito (1995), existem dois modelos com a descrição do sinal ilustrado THINK em ASL (veja a Figura 2). Um é o modelo de transcrição apresentado por Stokoe et al (1969) e o segundo é o modelo proposto por Liddell & Johnson (1989), onde existem camadas e segmentos nos sinais, sendo que cada camada equivale à análise do nível fonológico de uma língua de sinais. De acordo com Brito, (1995, p. 32) “o que parece ser necessário investigar é a hierarquia existente entre eles e a hipótese, que ora levantamos, de que a tendência das línguas de sinais é a de se discretizar muito mais em termo de simultaneidade do que em termos de segmentos sequências”.

Figura 2 - O sinal “THINK” (em port. Pensar)



A Figura 3 pode ser descrita como a mão direita em movimento para cima a partir de seu lugar de repouso. Quando se aproxima da testa, assume uma configuração de mão em G, com a ponta do indicador orientando-se na direção da testa, estabelecendo contato por um curto período de tempo.

Figura 3 - Adaptação dos diferentes modelos de transcrição

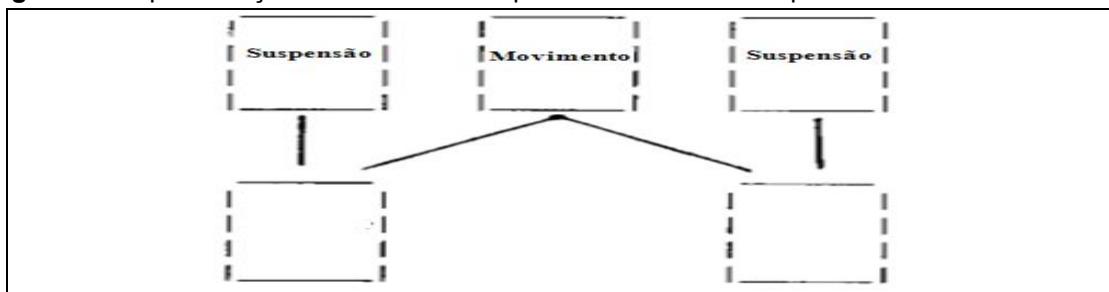
Stokoe <i>El alli</i>		Liddell		
CM:	G	Seg:	M	S
LOC:	N	CM:	I	I
M:	x	Or:	T	TI
Conjunto simultâneo de elementos		Loc:	FT	FH
		Com:	-	+
		SNM:	-	-

Fonte: BRITO, 1995, p. 32.

Observarmos que os dois modelos aplicados apresentam uma configuração de mão em G e outra em I. Ambas são iguais por manterem um dos dedos estendidos e os demais flexionados. No entanto, I é a convenção utilizada por Liddell & Johnson (1989) para o tipo de CM a qual Stokoe et al. (1969) denominam de G. Para a locação, N é o símbolo que Stokoe et al. (1969) utilizam para o posicionamento da testa, sendo o símbolo FH o usado por Liddell & Johnson (1989) mais o símbolo TI para definir a orientação do ponto do dedo na locação. Além disso, o modelo tradicional de Stokoe et al. (1969) demonstra um movimento de contato, que é representado por “x”, o que para Liddell & Johnson (1989) há a representação da sequência dentro do sinal, não mostrando a organização interna ao movimento. A descrição do sinal THINK em ASL exposta por Liddell & Johnson (1989) mostra que Seg (segmento), CM (configuração de mão), Or (orientação de mão), Loc (locação), Com (contato), SNM (sinal não manual) se formam simultaneamente, portanto, não incorporando a sequência de movimento e suspensão, tornando-se segmentos.

Além disso, para estes últimos autores, outros elementos se tornam redundantes, muitas vezes desnecessários. Em alguns momentos, ignoram a simultaneidade em sua proposta. Para eles os sinais com movimento têm, do início ao fim, três fases principais: (a) o momento que a mão inicia o sinal, estando em suspensão; (b) realização do movimento; e (c) momento final, no qual a mão volta à condição de suspensão. Como alternativa de descrição, desenvolveram o modelo visto como suspensão-movimento-suspensão, representado pelo esquema seguinte:

Figura 3 - Representação do modelo de suspensão-movimento-suspensão



Aqui apresentamos os vários tipos de sequencialidade nos sinais em ASL, incorporando sequências de configuração de mão, locação, sinais não-manuais, movimentos locais e movimentos de suspensão. Em um modelo simultâneo seria impossível representar de forma eficaz a estrutura do sinal com esses detalhes. Estes aspectos importantes da sequência dos sinais em ASL são capazes serem representados no dispositivo descritivo defendido por Lidell & Johnson (1989).

O modelo de estrutura sequencial dos sinais pode ser apresentada como uma correspondência aos segmentos fonológicos responsáveis pelo contraste sequencial e como uma forma de classificação também encontrada nas línguas orais. A existência dos segmentos linguísticos são demonstrados em menor unidade na ASL através de pares distintos – devido a sua sequência interna - assim como visto na descrição de línguas orais.

3. MÉTODO

Os participantes da pesquisa são seis adultos ouvintes, todos sendo estudantes de bacharelado e licenciatura na graduação em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), campus de Florianópolis. Como o curso possui quatro turmas, sendo os 1º, 3º, 6º e 8º períodos no turno matutino, foram selecionados três estudantes das turmas do 3º e 6º período. Todos estes alunos matricularam-se nas disciplinas de (i) Libras Iniciante, (ii) Libras Pré-Intermediário e (iii) Libras Intermediário. Para fazer o convite foi conversar com duas turmas na UFSC, porque fez-se pré-seleção encontrados com os participantes que aceitaram se enquadrar os perfis. Decidiu-se por filmar apenas 06 participantes, sendo 3 homens e 3 mulheres, ambos com idade entre 21 (vinte e um) e 52 (cinquenta e dois) ano. Os praticantes não possuíam o Certificado Prolibras de Proficiência de Tradutor/Intérprete de Libras, bem como o Certificado Prolibras de Proficiência de Instrutor de Libras, além de nenhum deles atuar como intérprete de Libras em instituições.

Os participantes foram filmados em contextos de produção das pequenas sentenças. Os instrumentos e procedimentos envolvidos de coleta de dados envolvidos apresentaram-se em duas etapas, sendo que em cada uma delas será descrita a seguir. Na primeira etapa, os itens lexicais de sinais foram ensinados aos participantes, que observaram os cartões das figuras exibindo os sinais representando diferentes campos lexicais, tais como: óculos, café, cachorro-quente, lagosta, feijão, saúde, saudade, mentira, veneno, egoísmo, só e sim. Estes itens foram selecionados, uma vez que cada um utiliza os tipos de movimentos, de locação e de configurações de mão com formatos distintos. Além disso, pode-se perceber que a produção de cada um dos sinais apresenta distorções que ocorrem também por conta do fonema trocado.

Por fim, na última etapa, os participantes visualizaram as figuras utilizadas, não apresentando os sinais em Power Point, mas sim, por itens lexicais

em slides. Em seguida, produziram uma pequena sentença com determinado item lexical. Tal atividade se mostra como aplicação de um teste, onde é feita uma filmagem da enunciação produzida e eliciada através de slides, clicando em “ENTER” para dar sequência aos slides e, por conseguinte, ao teste.

O programa ELAN foi usado para fazer todas as anotações (<http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>; CRASBORN & SLOETJES, 2008). Nosso objetivo é criar uma anotação de vídeos que possa ser usada em sistemas de busca e, além disso, anotar dados para atender objetivos específicos de uma determinada pesquisa. O ELAN foi utilizado para a transcrição e a identificação dos dados linguísticos. O software possibilitou o carregamento simultâneo dos 3 (três) arquivos de mídia (diagonal esquerda, diagonal direita e frente), dessa maneira, possibilitando a observação do sinal por diferentes ângulos, assim como a visualização ampliada de uma imagem nas dimensões da tela do computador, identificando maiores detalhes.

Quando for encontrada alguma distorção nos sinais selecionados na pesquisa, nas anotações da trilha de glosas, haverá um corte transversal para auxiliar na descrição e análise da produção do sinal, levando em consideração o referencial teórico de fonologia já mencionado acima e se seguirá identificando se há a existência de mudanças nas unidades mínimas dos parâmetros fonológicos, como a configuração de mão, a locação, o movimento e a relação com os tipos de processos fonológicos que se tornam perceptíveis no surgimento de mudanças, como a substituição, assimilação, a epêntese, a metátese e o apagamento.

4. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados possibilitou a identificação de que existem 34 dados com distorções fonológicas por apresentarem a existência de fonemas trocados. Em filmagens foram selecionados 7 dados nos quais descreve-los com os tipos de processos fonológicos.

Para uma descrição da articulação do sinal nos segmentos, observa-se a relação com aspectos articulatórios envolvidos na produção dos sinais e, essencialmente, analisa-se as distorções com os tipos de fonológicos de epêntese, apagamento, assimilação, metátese e substituição, com foco em verificar os itens lexicais da Libras. Para fins de aplicação dos conhecimentos na análise dos dados, faz-se um estudo sobre os tipos de processos fonológicos que compõem os sinais e como se dá seu funcionamento de forma segmental e simultânea no modelo elaborado por Liddell & Johnson (1989).

A delimitação entre o momento em que a articulação do sinal se inicia e finaliza tem importância no sentido de estabelecer o número de segmentos constituintes do sinal. De acordo com Xavier (2006, p.118), “uma das mais complexas questões que surgem quando se tenta estabelecer a estrutura segmental de um sinal diz respeito à sua delimitação no *continuum* sinalizado”.

Para o sinal, é uma tarefa complexa saber onde ele se inicia e finaliza.

Dentro das tabelas está o sistema de transcrição do modelo segmental proposto Liddell & Johnson (1989), e por convenção, são utilizados os símbolos a esquerda, que representam os parâmetros fonológicos da Língua de Sinais criado por eles. O símbolo dessa tabela, indicado em vermelho, diz respeito à descrição do fonema trocada nos parâmetros durante a produção do sinal por participantes. No canto direito da tabela, é extraída uma foto do vídeo apresentado no programa ELAN. Em seguida, apresento alguns elementos relativos à distorção e ao processo fonológico observado.

4.1. Os tipos de substituição

Na seção abaixo apresento 3 tipos de substituições relativas a configuração de mão, locação e movimento que, por sua vez, resultam na alteração de alguma unidade mínima fonológica.

4.1.1. Substituição de configuração de mão

Figura 4 - Participante produzindo o sinal de “ÓCULOS”

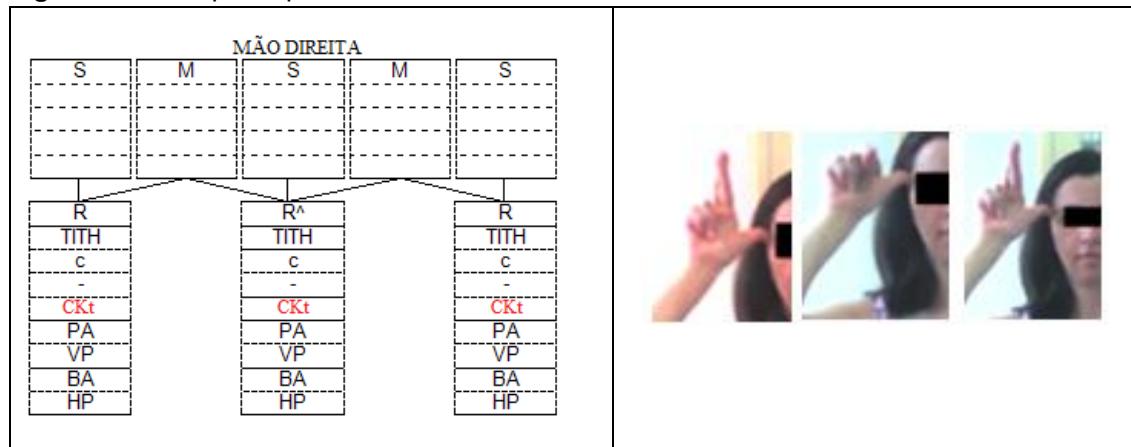


Na Figura 4 percebeu-se a alteração da configuração de mão padronizada para este sinal, que consiste no polegar e dedo indicador abertos e em curvas e demais dedos fechados, [1"~o], de acordo com a convenção dos símbolos das configurações de mão por Liddell & Johnson (1989). Contudo, foi substituída por [B"~o] na produção do participante, sendo semelhante à forma da mão em “C”, caracterizada pela postura das mãos com os quatro dedos distendidos e espalmados como uma espécie de “troca” de elementos.

A análise deste sinal resultou não apenas na percepção de que a forma da mão era outra, mudando o sentido do sinal para “BINÓCULOS”, que é o que adulto produz, e ocasiona uma imagem diferente, partindo que ele não soube significar – a forma de mão distinta. Talvez pelo fato de serem semelhantes ele tenha produzido essa distorção. No caso observado é possível verificar uma alteração na configuração de mão, sendo a configuração mais simples [B"~o] utilizada no lugar de uma mais complexa [1"~o].

4.1.2. Substituição da locação

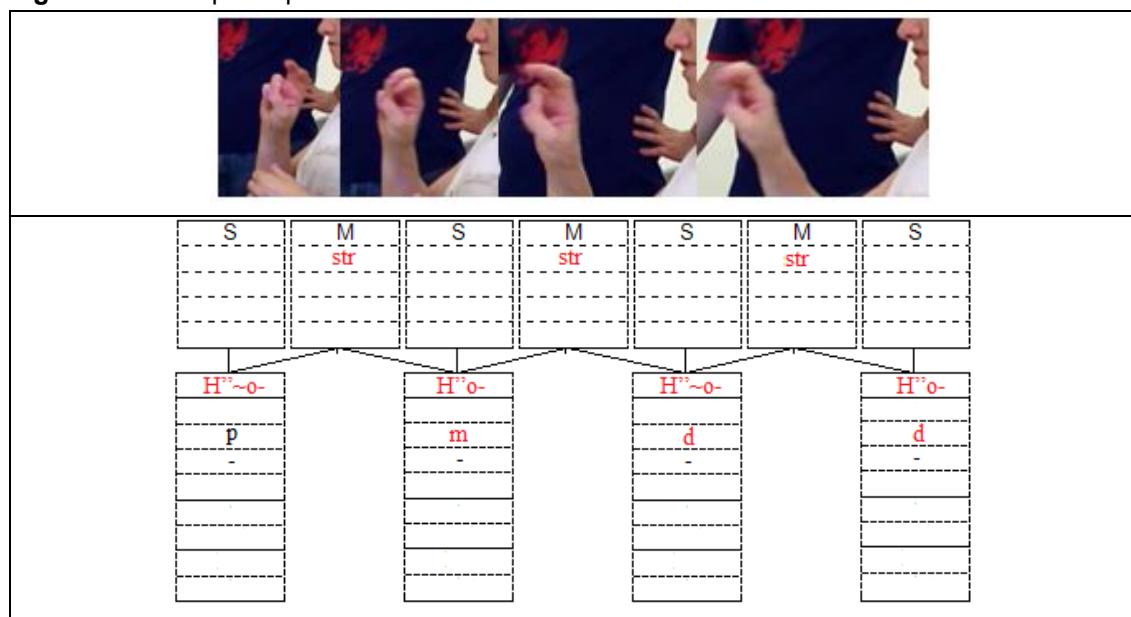
Figura 5 - Participante produzindo o sinal de “LAGOSTA”



Na Figura 5 nota-se uma substituição do traço de locação, especificamente no traço de ponto de contato, uma vez que se apresenta com a ponta do polegar – representado por [TITH] –, que tem contato [c] com a parte superior da bochecha [CKt] em todos os segmentos de suspensão. O sinal padrão é realizado com a porção da bochecha, representado por [CK]. No dado observado, os outros traços se mantém, mas apenas a porção da bochecha se opõe a porção superior da bochecha.

4.1.3. Substituição do movimento

Figura 6 - Participante produzindo o sinal de “VENENO”

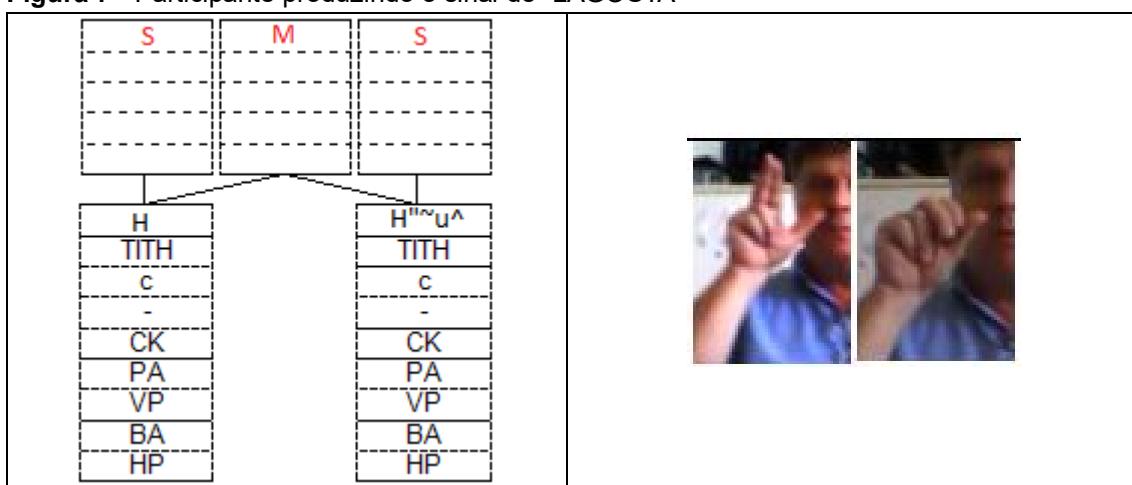


A Figura 6 mostra os segmentos do movimento, sendo o traço de contorno de movimento especificado numa reta e representado na tabela por [str], não apresentando o movimento repetitivo. O traço de proximidade do ponto de contato é diferente neste segmento. A suspensão exibe o traço proximal, representado por [p], isto é, indicando uma localização um pouco distante do corpo; depois medial – representado por [m] – indicando uma posição um pouco mais distante do corpo; e distal – representado por [d] – indicando uma distância confortável em relação ao corpo, equivalente ao comprimento do braço. Do início do primeiro segmento ao fim do último, a mão se move de forma reta, sempre na frente do corpo. Além disso, a configuração da mão foi substituída em todos os segmentos, sendo o primeiro e terceiro segmentos simbolizados por $[H' \sim o]$, com o polegar fechado e oposto aos dedos indicador e médio abertos e distendidos no traço proximal, podendo ser flexionados para efeito de relaxamento dos músculos e os demais dedos permanecem fechados. No segundo e quarto segmento, a configuração da mão é simbolizada por $[H' o]$, já que o polegar se mantém fechado e oposto aos dedos indicador e médio, ainda vinculados, mas enganchados.

4.2. Apagamento

O apagamento dos segmentos pode ocorrer quando se elimina o segmento de suspensão ou o segmento de movimento. Dessa forma, o movimento pode permanecer quando os sinais ocorrerem sequencialmente. Quando o sinal de “Lagosta” é produzido de forma sequencial, dois feixes de movimento e suspensão são apagados, uma vez que o movimento inicial e o movimento final do segmento são eliminados por conta de movimentos repetitivos.

Figura 7 - Participante produzindo o sinal de “LAGOSTA”

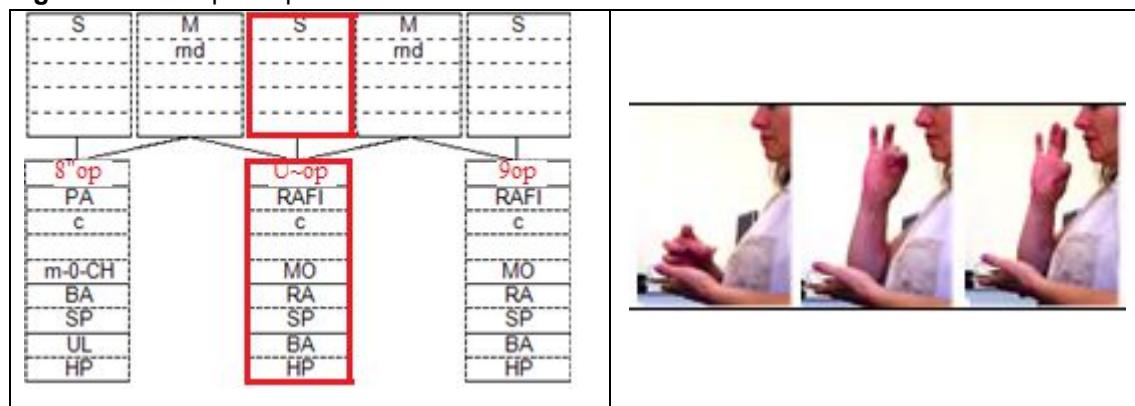


A Figura 7 explicita a produção desse participante de apenas dois segmentos de suspensão e um de movimento, que não apresentou o movimento repetitivo, ou seja, pode-se dizer que ocorreu o apagamento fonológico por conta da falta da repetição, tendo em vista que o sinal feito da forma padrão possui um movimento repetitivo apresentando duas vezes ou mais segmentos de suspensão e de movimento. Por exemplo, no sinal correspondente à “água”, (mão direita em L, polegar tocando o queixo) o dedo indicador deve balançar para a esquerda duas vezes ou mais, ou seja, há um movimento repetitivo.

4.3. Epêntese

A epêntese ocorre quando outro segmento, ou mais, é inserido no sinal, resultando em mais de um segmento. Este processo de adição de um segmento de suspensão/movimento é chamado epêntese, como pode ser observado nos segmentos do sinal de “CAFÉ”, ilustrado abaixo.

Figura 8 - Participante produzindo sinal “CAFÉ”



A Figura 8 leva a analisar que o participante produziu o sinal com três segmentos de suspensão, nessa ocorrência houve a inserção de outro segmento, denominando-se epêntese. Cada um desses segmentos apresentou uma configuração de mão diferente, o primeiro segmento é representado por [8"op], o segundo segmento é representado por [U~op] e o terceiro segmento é representado por [9op], considerando também a dificuldade de imitar a maneira como os dedos foram selecionados e configurados, já que os outros parâmetros estão dispostos de forma mais adequada. No entanto, o sinal de “Café” padrão feito de forma básica tem apenas dois segmentos de suspensão.

4.4. Metátese

A metátese ocorre quando um segmento inicial de um sinal muda o

segmento final, por sua vez, causando uma mudança exclusivamente fonológica. Este processo de mudança de lugar é denominado metátese. Para ilustrar a metátese, observe a Figura 9 que apresenta a estrutura básica do sinal de “SAÚDE”.

Figura 9 - Participante produzindo o sinal de “SAÚDE”

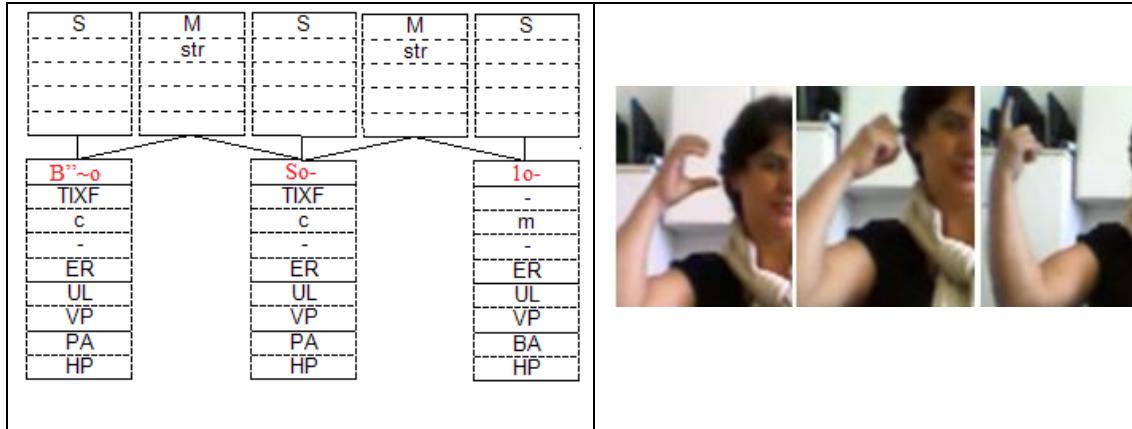


O que se considera na tabela, portanto, é o processo fonológico de metátese de movimento, no qual houve a reordenação desse sinal, já que a sequência do segmento inicial foi substituída pelo final. Nesse sentido, o traço de ponto de contato mostra a ponta de dedo médio tocando o peito contralateral [%CH] no primeiro segmento, movendo-se para o peito ipsilateral [iCH] no último segmento. Além disso, ocorreu a substituição da configuração da mão, simbolizada por [Vop], onde a almofada do polegar entrou em contato com os dedos indicador e médio, distendidos, espalmados e com os demais dedos.

4.5. Assimilação

A assimilação significa que um segmento assume as características de outro segmento próximo ou anterior a ele. O sinalizador adulto da pesquisa produziu um sinal que é composto pelos dois sinais “OUVIR” e “SOM”, resultando em “OUVIR+SOM”. Derivando um movimento distinto no teste da pesquisa, é possível identificar os segmentos de suspensão e de movimento. Como exemplo, a configuração de mão do sinal de “OUVIR” tem o primeiro segmento em suspensão, representado pela mão em círculo, os dedos unidos e opostos ao polegar. O segundo segmento de suspensão é representado pela mão fechada e a configuração de mão do segundo sinal de “SOM”; o primeiro segmento de suspensão é assumido e a configuração de mão do segundo segmento de suspensão do sinal “OUVIR” é tipicamente a assimilação de um predicado contíguo na mesma oração. Observa a Figura 10.

Figura 10 1- Participante produzindo sinal “SOM”



A Figura 10 mostra a configuração de mão do primeiro segmento de suspensão, simbolizada por $[B''\sim o]$, onde os dedos ficam unidos com a junta proximal e distal flexionadas e o polegar oposto. O segundo segmento, simbolizado por $[So-]$ tem os quatros dedos fechados, tocando as pontas na palma e o polegar fechado. O terceiro segmento muda apenas a orientação da palma. Este último segmento é simbolizado por $[1o-]$, onde o dedo indicador está distendido, enquanto os demais dedos e o polegar permanecem fechados.

Os itens lexicais selecionados foram apresentados aos participantes através de vídeos. Por conseguinte, suas produções também foram filmadas para efeitos de análise do ponto de vista fonológico, principalmente com foco nos tipos de processos fonológicos. Esses dados ficam mais claros ao observar a identificação de algumas trocas no padrão do movimento e raras trocas no parâmetro da locação que desempenham uma imitação facilitada na produção da pessoa surda, ocorrendo menor distorção do que várias trocas configurações de mãos mais complexas. Ao mesmo tempo, especificam as posições da forma de mão, identificando diversos elementos combinatórios dedos fechados ou abertos para começar a desenvolver a prática motora das mãos.

As configurações de mão nem sempre demonstram os mesmos desafios para os adultos ouvintes como M2, sendo impossível igualar de forma idêntica a produção entre um surdo e um ouvinte. Como exemplo, crianças cujas habilidades motoras ainda estão em desenvolvimento, têm desafios distintos na aquisição de linguagem como M1. Os adultos ouvintes reproduziram com precisão os sinais, adquirindo uma experiência no uso da língua de sinais. Em alguns momentos, ao tentar imitar a sinalização de um surdo, acabam por cometer equívocos durante sua produção, talvez por conta da diferença de modalidade.

A pesquisa também apresenta uma comparação entre participante ouvinte e os sinais padronizados por surdos, evidenciando um padrão de desenvolvimento da aquisição. Assim, esse estudo identifica um processo de aquisição da fonologia, de certa forma, análogo a aquisição da Libras em crianças surdas adquirindo a Libras (Karnopp, 1999).

5. CONSIDERAIS FINAIS

No presente artigo, observamos que os processos fonológicos são mais comuns nos adultos ouvintes que adquiriram a Libras como M2. Por ser um trabalho que demande um estudo mais extenso, a ideia fundamental que permeou todo o estudo é a do estudo dos processos fonológicos e sua relação com a aquisição fonológica por parte de adultos ouvintes. Os dados encontrados evidenciam a dificuldade encontrada pelos adultos ouvintes na produção dos sinais sendo que em determinados itens lexicais ocorrem várias trocas configuração de mãos mais complexas.

Por apresentar uma sistematicidade que, permita compreender e até predizer o processo de aquisição fonológica por adultos ouvintes, o estudo dos processos fonológicos é relevante para o linguista aplicar experimentos em seu trabalho que possibilitem o envolvimento e a produção destes adultos ouvintes, assim como seu aproveitamento em pesquisas teóricas e aplicadas.

REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Encyclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Vol I: Sinais de A a L. São Paulo: Edusp. 2001a.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Encyclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Vol II: Sinais de M a Z. São Paulo: Edusp. 2001b.

CRASBORN, O. & SLOETJES, H. *Enhanced ELAN functionality for sign language corpora*. Proceedings of LREC 2008, Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation, 2008. 39–43.

HULST, H. v. d. *Units in the analysis of signs*. Phonology, n. 10. Cambridge: Cambridge University, 1993. p. 209-241.

KARNOPOPP, L. B. *Aquisição Fonologia na Língua Brasileira de Sinais: Estudo Longitudinal de uma criança surda*. 1999. 273p. Tese. Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

PICHLER, D. C. *Sign production in first-time hearing signers*: A closer look at handshape accuracy, in *Cadernos de Saúde, Número especial, Línguas gestuais*. Vol 2:37-50. 2009.

QUADROS, R. M. de; KARNOOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, W. C. Et al. *A Dictionary of American Sign Language on Linguistics Principles*. Silver Springer: Linstock Press, 1965.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Springer: Linstok Press, [1960] 1978.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. *How Many Seats in a Chair? The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language*, in P. Siple (ed) *Understanding language Through Sign Language Research*. New York: Academic Press, 1978.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológico dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)*. 2006. 175f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.

ABSTRACT: Academic productions are necessary in the field of linguistics applied to the teaching of Libras, especially to listeners. This work presents an analysis of the productions of apprenticeship students of Libras as a second language with a focus on phonology. Sign Language processes are phoneme changes in the performance of the Libras phonological parameter during the signaling of adult listeners acquiring Libras, analyzing the following segmental phonological processes: substitution, epenthesis, erasure, assimilation and metathesis. The data used as the basis of this study refer to 12 lexical items produced by 12 academic listeners of the undergraduate and graduate courses at UFSC and who act as translators / interpreters of Libras in public schools. The lexical items were presented to them through video and their productions were also filmed for analysis. It was observed difficulty in visually perceiving the phonological parameters presented in the Libras, resulting in a change of the phoneme during the signal production in the phonological processes. The data found in this research evidences the difficulty encountered by adult learners of Libras as a second language in the production of signals with a focus on the most complex hands configurations.

KEYWORDS: Brazilian sign language; Phonological process; Second language.

